

UNÇÃO DOS ENFERMOS *

INTRODUÇÃO

1. O sacramento da unção no conjunto da teologia

A unção dos enfermos é um sacramento que a Igreja celebra na situação de doença "grave", com o objetivo de significar a oferta e presença da salvação de Deus no momento da dor, e para mostrar a solidariedade da mesma Igreja com o doente, para que o ajude a assumir na fé a fragilidade de seu próprio corpo, na esperança da saúde, e aberto à vontade de Deus.

A unção dos enfermos situa-se na teologia como o símbolo salvífico eclesial mais qualificativo da fragilidade corporal e da transitoriedade terrena, que é preciso valorizar e viver ao mesmo tempo a partir da radicalidade desencadeadora do primeiro pecado, e a partir da superabundância salvadora da graça. No conjunto dos sacramentos, a unção não é tanto "remédio" contra o pecado ou a fragilidade espiritual, quanto "força" contra a debilidade corporal e a desarmonia físico-psíquico-espiritual que o estado enfermo comporta. Por tratar-se de um estado liminar ou fronteiro, a unção não pode prescindir de uma perspectiva escatológica, que a situa como realidade simbólica intermediária entre a saúde terrena e a salvação eterna, entre a vida e a morte. Por tudo isso compreende-se que o sacramento da unção esteja bastante relacionado com a penitência e com a escatologia.

O objeto de um estudo sobre a unção dos enfermos tem duas vertentes, como o indica o mesmo nome: a mais antropológico-teológica, que se centra

* Consideramos como tratados e bibliografia fundamental: G. Davanzo, *L'unzione sacra degli infermi. Questioni teologico-canoniche*, Turim, 1958; F. Bourassa, *L'onction des malades*, Roma, 1970; J. Ch. Didier, *Le chrétien devant la maladie et la mort*, Paris, 1962; L. de Mendijur, *La unción de los enfermos*, Madri, 1966; B. Sesboüé, *L'onction des malades*, Lyon, 1972; R. A. Lambourne, *Le Christ et la santé*, Paris, 1972; F. Sottocornola, *I segni della salvezza*, Roma, 1973, 503-540; A. Knauber, *Teologia pastorale della unzione degli infermi*, em *Matrimonio, penitenza, unzione* (trad. do alemão), Roma-Brescia, 1971, 197-241; C. Ortemann, *El sacramento de los enfermos*, Madri, 1972; J. L. Larrabe, *La Iglesia y el sacramento de la unción de los enfermos*, Salamanca, 1974; VV.AA., *Il sacramento dei malati*, Turim-Leumann, 1975; G. Gozzelino, *L'unzione degli infermi*, Turim, 1976; J. Feiner, *Enfermedad y sacramento de la unción*, em MS V, Madri, 1984, 467-523.

na situação de enfermidade e seu sentido desde as fontes da revelação (Escritura, Tradição) e a reflexão teológica; e a mais litúrgico-pastoral, que atende à configuração ritual e sua aplicação celebrativa, no contexto de uma ação pastoral global e levando em conta as diversas situações.

O método de exposição que vamos seguir pretende ressaltar em primeiro lugar o "dado histórico", como realidade de identificação que nos é oferecida, mas não como identidade fechada que nos é imposta (1.º). A partir daí, queremos proceder a uma busca do sentido mais originário da unção, levando em conta os diversos "acessos" exigidos: a Escritura e o ministério de Cristo com os enfermos, como momento paradigmático (2.º); a reflexão teológica e a experiência litúrgica, como momentos interpretativos (3.º); e a diversidade celebrativa e a práxis pastoral, como momentos exigitivos (4.º).

Ao longo de todo o estudo queremos privilegiar a contribuição litúrgica que, como "locus theologicus" e "theologia prima", nos oferece essa linguagem simbólica e viva, experimental e prático-institucional para fazer verdadeira teologia. Contudo, visto que é também específico de nosso estudo a integralidade de aspectos ou o "tratamento unitário, devemos levar em conta as outras perspectivas indicadas".

2. O homem diante da enfermidade na cultura atual

A unção, como todos os sacramentos, responde a uma situação vital determinada de um homem concreto, que vive tal experiência num contexto sociocultural e a partir de atitudes pessoais próprias. Pode haver mil maneiras de viver a enfermidade e de celebrar a unção, como o demonstra a história. No meio dessa variedade, uma coisa é certa: ninguém vive a própria enfermidade independentemente dos quadros socioculturais em que vive. O que muda na realidade não são nem as enfermidades nem as unções, mas os próprios doentes, a sociedade que se ocupa deles, o mundo e a cultura que os cerca, os meios e instrumentos com que quer curá-los. Por isso, o estudo do sacramento da unção deve situar-se nesse novo quadro, que faz viver de forma nova a enfermidade e, portanto, a unção.¹ Vejamos isto comparando o quadro sociocultural de ontem e de hoje:

a) Quadro sociocultural tradicional

Os aspectos que o caracterizam são os seguintes: o diagnóstico sobre a doença baseia-se mais na apreciação subjetiva do que em critérios científicos objetivos; os meios são bastante rudimentares e caseiros, mesclados com os resultados da experiência, com a magia e o mistério, com as artes dos curandeiros; a duração da doença grave costuma ser breve, com evolução rápida

1. Cf. H. Pequignot, *Les malades hier et aujourd'hui*: Lum Vit 86 (1968), 5ss.; J. Jacob, *Modèles socio-culturels sous-jacents au monde de la santé*: LMD 113 (1973), 7-29; Cl. Herzlich, *Medicine, maladie et société*, Paris-Haya, 1970; G. Roth—H. Schild, *Il fenomeno della malattia e gli infermi nella Chiesa*, em VV.AA., *Matrimonio, penitenza, unzione*, 243-262; R. Zigliolo, *Il malato nella società odierna*: RL 61 (1974), 507-517.

para a saúde ou para a morte; a falta dos centros sanitários estatais concentra os doentes nas instituições da Igreja que acolhe e cuida, mas o enfermo se encontra desamparado de leis, proteção e previdência social; em contrapartida, intensifica-se o cuidado e a atenção doméstica ao doente, que permanece em casa, cercado de carinho e ânimo familiar; a relação com o médico do paciente é humano-familiar, ao mesmo tempo que terapêutica em sentido mais pleno; com freqüência o doente busca encontrar não só a causa, mas também o causador possível de sua enfermidade (pecado, inimigos, forças e espíritos malignos...), nem só seu diagnóstico médico, mas também seu sentido e finalidade, no conjunto, o índice de mortalidade era muito elevado por doenças e pelo estado da medicina, mas também por falta de previsão, guerras, fome, doenças contagiosas, peste...²

b) Quadro sociocultural atual

Já a partir do século XVII começa-se a verificar uma mudança na medicina, que alcançará seu ápice no século XX, sobretudo a partir de 1940, momento em que se descobrem terapêuticas novas e se desenvolvem possibilidades cirúrgicas, ao mesmo tempo que se generaliza o cuidado nos hospitais e as especificações e técnicas. As conseqüências desta mudança são enormes com relação ao diagnóstico da doença, ao tratamento do doente, ao sentido da doença, ao lugar de tratamento, ao prolongamento do estado do enfermo, às relações sanitárias e às instituições da saúde... Concretamente, o diagnóstico baseia-se em critérios objetivos e não subjetivos (exame médico, análise, investigação científica...); a medicina preventiva e o conhecimento de novas doenças desempenha um papel importante; a doença se prolonga, e são muitos os doentes idosos e crônicos; o doente é atendido e tratado não tanto em casa ou a domicílio quanto nos centros hospitalares que dispõem de meios e constituem o "mundo do doente"; a relação médico-doente já não é familiar mas técnica e profissional, com uso de linguagens e atividades distantes; a doença e suas conseqüências aparecem cercadas de mistério e com freqüência de ocultamento, evitando todo protagonismo do próprio sujeito; a medicina saiu do campo da privatização ou da beneficência e se socializou a estatizou (ministério da saúde, complexos sanitários, organismos e mecanismos...), sendo milhares as pessoas que trabalham nesta área; o Estado, por sua vez, investe milhões na saúde; o doente reivindica também seus direitos de assistência, igualdade de trato, qualidade, humanidade e justiça, dignidade e liberdade; saúde e doença são entendidas não só de maneira mais integral,³ mas também deixaram de ser assunto privado para se tornar público, deixaram de ser apenas aventura pessoal para se tornarem aventura coletiva, de problema individual passaram a problema social; e as perspectivas de evolução no fu-

2. Cf. H. Pequignot, *Les malades hier et aujourd'hui*, 5ss.; R. A. Laumbourne, *Le Christ et la santé*, 32-42.

3. A organização mundial da saúde define-a como "um estado completo de bem-estar físico, psíquico e social, que não consiste apenas na ausência de enfermidade".

turo, com a evolução tecnológica, as descobertas biogenéticas, o domínio e a descoberta de novas doenças, a preocupação central pelo tema da saúde... são impressionantes.⁴

3. O enfermo diante da unção na Igreja de nossos dias

Não obstante a importância social e política que a saúde-doença têm, pode-se dizer que o homem doente é hoje um homem marginalizado pela sociedade e até pela Igreja. Os fatos são em si mesmos eloqüentes.

Nossa sociedade e nosso mundo vivem um momento de exaltação e euforia pela saúde e pela vida, pelo bem-estar e progresso, pelo desenvolvimento integral da pessoa humana e o cuidado do corpo, pelo desfrute do presente e a conquista do futuro. Neste contexto produzem-se os seguintes fenômenos: o amor e a melhoria da vida às vezes trazem consigo o ataque e a manipulação desta (supressão do outro, manipulação genética, abortos, manipulação das vidas diminuídas...); a doença e o doente, enquanto fenômeno incômodo, de impotência e improdutividade, com freqüência implica o esquecimento, a marginalização e o isolamento, como reação mais ou menos consciente pela "ruptura do narcisismo social" que supõe;⁵ o afã de desfrute e felicidade terrenos, baseados nos meios e na auto-suficiência humanos, com freqüência levam a um boicote do mais fraco e frágil deste mundo (crianças, deficientes, velhos...), e a uma ignorância consciente da morte e de todas as suas "recordações" sociais;⁶ a confiança nos meios técnico-sanitários e na medicina, como único caminho de cura diante de uma doença cuja causa é exclusivamente natural, leva muitos a prescindir a rejeitar todo rito ou símbolo que recorde a inutilidade do humano e a referência ao transcendente ou divino.⁷

Estes fenômenos têm seu reflexo também dentro da Igreja. Muitos cristãos adotam as mesmas atitudes dos que não o são, e se marginaliza o fraco e o improdutivo sem dar-se conta de que Deus se manifesta naquilo que é fraco no mundo; e oculta-se a dor e o sofrimento, esquecendo-se que os que sofrem e choram são bem-aventurados; e se silencia a morte cercando-se de "silêncio" os moribundos, ignorando-se que é a outra face da vida plena; e prescinde-se da unção, desconhecendo-se que é a força da esperança, o sinal do amor e a fortaleza da fé. O cristão não exalta nem a dor, nem a doença, nem a morte, mas deve integrá-los em sua existência e sua vida como elemento integrante da totalidade identificadora de seu ser, de seu viver e de seu crer... E não só os fiéis, também os pastores acabaram marginalizando

4. Cf. B. Sesboüé, *L'onction des malades*, 59-61; F. Turquet, *Pour une pastorale de la santé*: LMD 44 (1955), 13-20; VV.AA., *Derechos del enfermo*: Labor Hospitalaria, 179-180 (1981).

5. Cf. M. Calve, *El enfermo un ser inútil*: Labor Hospitalaria 185 (1982), 134-137, aqui 135; J. M. Arenal, *La vida, la salud, la enfermedad y la muerte. Interrogantes para el hombre de hoy*; *ibid.*, 130-133.

6. F. Ariès, *El hombre ante la muerte* (tradução do francês), Madri, 1983; *ibid.*, *La mort inversée. Les changements des attitudes devant la mort dans les sociétés occidentales*: LMD 101 (1970), 57-89.

7. D. Borobio, *Más fuertes que el dolor*, Bilbao, 1977, 11ss.

em grande parte os doentes e os sacramentos dos enfermos. A comunhão, a unção, o viático não são dados porque não são pedidos, mas não são pedidos porque também não são oferecidos. De fato, nos planos e ação pastoral-litúrgica das igrejas locais, as comunidades concretas (dioceses, paróquias) este aspecto tem pouca relevância e atualidade. Por isso, a mesma Igreja em todos os seus níveis deve sentir-se provocada e interpelada por uma situação, marcada pela injustiça e o esquecimento humanos e cristãos, social e eclesial, que reclama uma resposta e um delineamento mais eficaz da totalidade de ofertas pastorais, sendo que uma das mais destacadas delas é a celebração do sacramento da unção e seu contexto pastoral.⁸